

tância intrínseca temos de os observar e ordenar cientificamente.

Falamos hoje da psique, de inconsciente, de irrupções e de afectos, etc. ..., noções estas que nos delimitam o âmbito legítimo de uma realidade psíquica inconsciente. Aliás, é ainda bastante frequente entre nós que essas realidades interiores sejam projectadas no exterior; tais projecções põem-nos a alma a saque; ao que realmente vive dentro de nós attribui-se uma existência exterior²⁷.

²⁷ Com todas as consequências que isso comporta: enquanto um dado nos é interior, está ao nosso alcance, e podemos dominá-lo, modificá-lo, tomá-lo em consideração, mas tudo isso desaparece, desde que esse dado, uma vez projectado no mundo exterior, se nos torna estranho e frequentemente inacessível. Daí surgem muitas vezes belos projectos de reforma dirigidos aos outros, ignorantes possuidores de uma qualidade que gratuitamente lhes atribuímos e que melhor seria corrigir em nós. Chamá-las-íamos « projecções lastimáveis », se não fosse estéril lastimá-las.

O psicólogo actual tem de conhecer, ao lado da grande importância do fenómeno das projecções, a natureza geralmente constringente de cada uma delas.

É preciso possuir a experiência de um psicoterapeuta para poder analisar a tenacidade que caracteriza muitas vezes uma detida projecção. Por isso, em vez de o lastimarmos — visto que as projecções de um indivíduo são o que são e talvez o que devem ser, em função da sua época e do respectivo dever individual — é preferível tomar consciência da subtilidade da tarefa de introduzir um pouco de ordem na sede projectional e, portanto, um pouco de saúde na vida de um indivíduo. (Nota do Tradutor).

PASSAMOS em revista os elementos necessários para uma orientação no campo da consciência. Apenas por alusão falámos do inconsciente, pois tínhamos, antes de o abordar, de abrir os caminhos de acesso aos espaços íntimos e obscuros e ter a certeza de que as vias de penetração que teremos de seguir são praticáveis pelo menos no seu início, e merecedoras de alguma confiança científica. Com este fim, tenho de vos falar primeiro dos métodos empregados e das suas noções fundamentais. Falar-vos-ei, antes de mais, das *experiências de associações*. Ocupando-nos delas situámo-nos por inteiro no domínio da psicologia experimental; essas experiências contudo bastam para vos collocarem à altura de estudarmos factos essenciais que esclarecem de modo muito interessante e especial as funções do inconsciente.

Na origem, estas experiências realizavam-se com objectivos muito diferentes. Procurava-se estudar, experimentalmente, o mecanismo das associações, mas isso era muito utópico, não podendo meios tão primitivos revelar-se de grande eficácia em terreno tão complicado como o das nossas associações. É frequente que, na ciência, investigações que não satisfazem as esperanças nelas collocadas, abram, com grande surpresa do investigador, novos e inesperados horizontes.

¹ Segunda Conferência; continuação.

A marcha da referida experiência, adaptada ao estudo dos complexos, é a seguinte: O experimentador dispõe de uma lista de palavras, chamadas *palavras indutoras*, escolhidas ao acaso, sem nenhuma relação de significado entre si, condição indispensável para uma experiência de puras associações. Temos de tomar palavras isoladas, despidas, repitamo-lo, de toda a relação significativa. Exemplo: água, redondo, cadeira, erva, azul, faca, ajudar, peso, pronto. Quando estas palavras são apresentadas umas após outras, a um indivíduo, não emana dessa lista nenhuma sugestão (o que acontece sempre, desde que várias palavras descrevam um tema qualquer). O experimentador convida o sujeito a reagir a cada palavra indutora tão rápido quanto possível, pronunciando somente a primeira palavra que lhe vier à ideia².

À palavra «água», disparada, por assim dizer, pelo experimentador, o sujeito responderá, tão depressa quanto possível, com a primeira palavra que lhe vier à ideia, como por exemplo: «molhado», ou «verde», ou «H₂O», ou «lavar», etc. ... O experimentador mede o tempo de reacção³ com um cronómetro que indica os quintos de segundo. (Uma precisão maior seria supérflua e trabalho inútil, constituindo os erros inerentes a esta experiência uma grandeza

² A experiência baseia-se em última análise no fenómeno psicológico geral, segundo o qual um estado qualquer de consciência, aqui uma sensação auditiva, evoca outros estados de consciência, seja para se associar a eles, seja para deles se fazer seguir, fenómeno que levou Hume a comparar a associação na nossa vida psíquica à gravitação no mundo exterior, por se atraírem os estados de consciência como fazem os corpos.

Nesta experiência em que «a lei do interesse» só preside às associações de modo muito atenuado, é recolhido de maneira objectiva e espontânea, do seio das afinidades associativas, intelectuais e sentimentais, «o associado de facto» dentre a multidão dos «possíveis associados». (Nota do Tradutor).

³ O tempo medido aqui é um tempo global composto do tempo da sensação, da associação e da reacção propriamente dita. (Nota do Tradutor).

muito superior a um quinto de segundo.) Levanta-se o cronómetro, de cada vez que se pronuncia a última sílaba da palavra indutora e pára-se, logo que o sujeito pronuncia a primeira sílaba da *palavra induzida*. Nota-se o tempo decorrido, chamado *tempo de reacção*. Pratico cinquenta reacções ou mais, sendo prejudicial um grande número de reacções, por causa da fadiga que provocam. Contentamo-nos em geral com cinquenta a cem reacções.

Durante estas experiências nota-se que os tempos de reacção são muito desiguais, ora curtos, ora muito longos, e que certas respostas sofrem perturbações: o sujeito esquece a recomendação inicial de só responder por uma única palavra, e responde com uma frase inteira, ou, então, despreza o sentido da palavra indutora e reage por uma associação tonal, o que implica também um ligeiro entorse às instruções prévias.

Dão-se, igualmente, outros incidentes: por exemplo, o experimentador ao pronunciar a palavra «água», sucede que o sujeito reage por: «água — olha — verde», o que, entre outras coisas constitui uma repetição inesperada da palavra indutora. O sujeito pode ainda reagir por: «Verde — Ah! — o que eu queria dizer era azul», havendo, nesse caso, um lapso. Outras vezes o sujeito começa a rir-se, diz ou responde qualquer coisa de inadequado, como um «sim», ou um «não», mesmo antes da reacção requerida. Noutras ocasiões, o sujeito não compreende ou compreende mal a palavra indutora claramente pronunciada, ou reage com um termo estereotipado, ou seja por uma mesma palavra indiferentemente induzida para diversas palavras indutoras.

Há alguns, por exemplo, que reagem frequentemente repetindo o vocábulo «belo». Todas estas perturbações, assim como os tempos de reacção muito prolongados ou as ausências de reacção chamam-se *índices de complexo*.

Verificou-se, de facto, que as palavras indutoras que provocam qualquer perturbação da reacção são as que deparam, no sujeito, com um *conteúdo emocional*, isto é, que encontram eco na parte da alma representada pela zona amarela do esquema IV e que de qualquer modo tocam na esfera íntima tabo.

Quando uma palavra indutora só interessa à superfície da consciência, a reacção é normal e nada acontece de insólito; mas quando, pelo contrário, toca e atravessa os diques protectores da vida interior e penetra no âmago do eu, determina uma perturbação da reacção exterior, desencadeando na intimidade do ser um *automatismo*, para o qual o sujeito não está preparado, que lhe prende a atenção, e de certo modo o subjuga e impede de cumprir por este facto as instruções dadas⁴.

Associo à fase acima descrita da experiência uma segunda fase que consiste no seguinte: após haver registado um certo número de associações, retoma-se a lista das palavras indutoras, pelo princípio, pedindo ao sujeito que

⁴ Todos os elementos psicológicos de tensão elevada são difíceis de manejar. Se alguma coisa, por exemplo, é muito importante para mim, começo por hesitar. Provavelmente, já observásteis que, quando me formulais perguntas delicadas, eu não posso responder imediatamente, porque sendo o assunto importante, «tenho um longo tempo de reacção»; a memória não me fornece imediatamente os materiais necessários. Trata-se de perturbações causadas por complexos, que não são forçosamente pessoais, constituindo a questão posta um assunto importante em si. Ora, tudo que tem uma forte tonalidade de sentimento é difícil de manejar, estando em relação com reacções fisiológicas, com o bater do coração, o tóno dos vasos, o estado vital, a respiração, a inervação da pele, etc. Todo o elemento de tensão pronunciada identifica-se de certa maneira com o corpo, como se nele se localizasse e nele mergulhasse as suas raízes, o que o torna pesado, inerte e lhe tira a mobilidade dos factos puramente espirituais.

Por sua vez, um elemento de fraca tensão e reduzido valor emocional pode ser facilmente deslocado, suprimido, pois é, por assim dizer, privado de raízes e sem ligações com a personalidade.

repetia a resposta dada a cada uma delas. Pergunta-se: Que respondeu o senhor à palavra «água»? Ele lembra-se ou não, ou então julga lembrar-se, mas dá uma resposta diferente. Anota-se tudo isso. As reacções esquecidas constituem *reproduções defeituosas*. Verifica-se que são igualmente índices de complexo, pela mesma razão que as outras perturbações que distinguem as associações surgidas na esfera afectiva.

Acrescentemos que a atitude, os gestos, as expressões do indivíduo, o riso, a tosse, a gaguez eventual fornecem indicações preciosas ao experimentador treinado.

Transcrevamos uma experiência:

Palavra indutora	Tempo de reacção	Índices de complexo	Reprodução
Água	4/5 de segundo	0	+ = exacto
Redondo	4/5 >	0	+
Cadeira	5/5 >	0	+
Nadar	6/5 >	0	+
Azul	7/5 >	0	+
Faca	20/5 >	3	- = falsos
Ajudar	15/5 >	3	+
Peso	10/5 >	1	+
Pronto	8/5 >	0	-

Verificamos aqui uma série de tempos de reacção que descem de vinte quintos para oito quintos de segundo, e em que o tempo reaccional médio e normal deste indivíduo é de sete quintos de segundo. À palavra «faca», corresponde um tempo de reacção prolongada, que vai diminuindo no decorrer das três associações seguintes. É o que se designa por uma *perseveração* e parte-se da hipótese de que a palavra «faca» tocou na esfera afectiva do sujeito e lhe paralisou momentaneamente a atenção. Os índices de complexo

revelam que o sujeito não consegue reagir correctamente e que as reproduções ficam também perturbadas⁵.

Que se passa com o nosso indivíduo?

Que significa que a palavra «faca», uma vez ouvida, desencadeie semelhantes reacções?

As reacções seguintes são de novo normais; um tempo de reacção produz-se outra vez à palavra «lança».

Palavra indutora	Tempo de reacção	Índices de complexo	Reprodução
Lança	12/5 de segundo	I	+

Seguem-se algumas associações normais; depois:

Palavra indutora	Tempo de reacção	Índices de complexo	Reprodução
Bater	9/5 de segundo	I	+
Árvore	10/5 >	I	+

A palavra crítica é aqui «bater» não aparecendo, contudo, a perturbação mais importante senão mais tarde. A conexão com a esfera afectiva não foi sentida claramente de maneira imediata; a cunha, para assim dizer, só foi penetrando progressivamente e só determinou a perturbação principal na reacção seguinte, cessando depois. É o que se chama uma *perseveração relativa*. Uma terceira palavra determinou ainda uma série perturbada; foi a palavra «pontigado», seguida de três palavras indiferentes.

Palavra indutora	Tempo de reacção	Índices de complexo	Reprodução
Pontigado	15/5 de segundo	2	—
	18/5 >	3	+
	10/5 >	1	+
	6/5 >	0	+

⁵ É neste fenómeno que se apoiam os interrogatórios judiciais cruzados, nos quais se procura confundir os indivíduos suspeitos. Estes últimos, como na nossa experiência, esquecem-se dos pontos em que mentiram, da natureza da sua fabulação. Quem está versado neste assunto não deixará de achar bastante evocador a relação entre a prática judiciária e as constatações da psicologia.

Deram-se aqui várias reproduções falsas e o sujeito reagiu antes de o termo crítico exercer toda a sua eficácia, a qual só ressaltou na reacção seguinte.

O sujeito da experiência era um homem de trinta e dois anos, empregado numa clínica, e fora de bom grado que se prestara à experimentação. Eu nada sabia da vida dele e no fim perguntei-lhe se tinha reparado que por vezes ele hesitara bastante.

«— Não; respondi sempre directamente!

— Sabe se caiu em algum erro de reprodução?

— Não; todas as minhas reproduções eram *exactas*!

— Mas não notou nada de especial?

— Não; pois tê-lo-ia dito!

— Permite-me um aparte? O senhor deve ter tido em tempo uma história muito desagradável, talvez uma desordem com agressão à facada, de resultados *abonrecidos*!

O homem quase caiu da cadeira!

«— Como sabe isso?

— Diga-me se é verdade.

— Sim, mas eu estava bem longe de pensar *em tal*»

O homem cumprira uma pena de prisão no estrangeiro por causa de uma desordem em que ferira gravemente à facada o adversário. Era uma mancha negra da sua vida, que naturalmente procurava esconder à gente que o rodeava.

Quanto a ele, tinha-se esforçado por se esquecer. Era ainda novo na época do acidente, que remontava a *uns dez* anos atrás. Não lhe passara um segundo pela *ideia* que me fosse possível descobrir-lhe o rasto. Mas *verificou* por vós próprios; as palavras «faca», «lança», «bater», «pontigado», põem-no em sobresalto, e isso permite estabelecer um diagnóstico. O mais interessante é que *o próprio sujeito nada tinha notado das suas hesitações*. Porque *todas* as vezes que uma palavra indutora acerta, a consciência fica

imediatamente fascinada ; desvia-se para o interior e não repara no que se passa no exterior. O indivíduo, desde então, não sente hesitações. É vítima de uma ausência que lhe prende a atenção por um instante, durante o qual o tempo passa. Depois, volta a si e reflecte : « Que disseram ? », sem notar que em pensamento estava noutro lugar, arrastado sem o saber, como que por um turbilhão, pela complexidade das suas recordações e das suas imagens interiores. Pode às vezes, com a ajuda de muito menos associações, chegar-se a determinado resultado.

Fui um dia levado à parede por um professor de direito que se interessava por estas experiências, sem acreditar nelas. Visitei-o, munido dos meus instrumentos : a lista de palavras indutoras, e um cronómetro.

Era um senhor idoso que ao fim da décima quinta associação se cansou e disse :

« — Afinal, o que deseja o senhor que saia daqui ?

— Sai uma boa série de coisas que poderei comunicar-lhe ».

As reacções críticas tinham sido :

Palavras indutoras

dinheiro
morte
beijar
coração
pagar

Palavras induzidas

pouco
morrer
bela
palpitar
a sementeira⁶

Tratava-se de um professor universitário à beira dos setenta, que pensava em se reformar. Arrisquei as seguintes conclusões :

1.^a O homem devia ter dificuldades financeiras de qualquer ordem, visto que à palavra « dinheiro » ele associa : « pouco » e a « pagar » reage violentamente.

⁶ Em francês no texto. (Nota do Tradutor).

2.^a Nesta idade, pensa-se sem querer na morte. Naturalmente não se fala nisso, o que não impede o inconsciente de o confessar com indiscrição. À palavra « morte » o sujeito responde com « morrer » : não abandona esse tema ; pensa na morte e isso preocupa-o.

3.^a « Beijar » — « bela ». Eis outra coisa ; é como um grito do coração !

Num velho jurista é de surpreender, mas sabemos que o amor floresce em todas as idades. Lembremo-nos que numa idade avançada, certas recordações sentimentais reapparecem com frequência, e se evoca com ternura o encanto da vida passada. Alguma aventura erótica lhe devia ter vindo à memória ; trouxe a propósito a sementeira, que servia de effigie às moedas francesas. Não teria havido alguma francesa no caso ?

Disse-lhe :

« — O senhor tem, manifestamente, dificuldades financeiras ; pensa na morte, a qual poderia resultar de um ataque cardíaco ; e tem, de tempos a tempos, palpitações. Além disso, o senhor tem também lembranças agradáveis que lhe recordam provavelmente uma aventura amorosa com uma francesa.

Bateu com o punho na mesa :

— Isto é magia negra, exclamou. Como sabe o senhor isto ?

— É exacto ?

— Sim, é exacto ! — Depois correu para o quarto do lado e disse à mulher : — Vem cá ; também precisas fazer a experiência. Mas não, não ; é melhor ficar assim ! »

Julgareis arrojadas as minhas conclusões. Efectivamente ; mas devo confessar que, na altura desta experiência, eu não era um principiante e já fizera muitas do mesmo género e um longo treino me tinha desenvolvido a capacidade de julgamento.

Faz-se a pergunta : « Estão as funções conscientes da vida interior⁷ dispostas pela mesma ordem em todos os seres : lembranças, contributos subjectivos, afectos e irrupções ? »

Resposta : A ordem que eu marquei a essas funções pode considerar-se arbitrária ; pode-se igualmente invertê-la. Num dado sujeito são talvez as irrupções que devem figurar em primeiro lugar ; nele, as próprias lembranças podem surgir por irrupções ; o indivíduo está constantemente sob a influência poderosa de acontecimentos interiores ; trata-se, naturalmente, de uma natureza patológica ou de alguém numa fase passageira da existência, particularmente produtiva, durante a qual o seu mundo interior trasborda de vida. No geral convém seguir a ordem que apresentei, pois não é habitual que as irrupções surgidas do inconsciente se produzam frequentemente. Cada um é, contudo, livre de obedecer ao seu temperamento, à sua inclinação pessoal e pode classificar, situar as suas funções conforme a própria experiência. Propus esta classificação, pois a memória é uma faculdade que, até certo ponto, obedece à vontade como as contribuições subjectivas, mas já em menor grau, porquanto não podemos impedir-nos, por vezes, de pensar ou sentir coisas que altamente reprovamos e que absolutamente preferiríamos não sentir.

Quanto aos afectos, estão fora do alcance da vontade. Por fim, quando as irrupções se produzem, o indivíduo torna-se vítima de um « knock-out » que o derruba e mergulha num estado momentaneamente confuso. A característica mais autêntica deste espaço interior é a passividade ; o sujeito, agora, já não é agente, antes está condenado à situação de

⁷ Conviria dizer, com todo o rigor « na maior parte conscientes ». Porque as funções de que se trata aqui procedem ao mesmo tempo do consciente e do inconsciente que unem um ao outro. O inconsciente fornece-as e o consciente recebe-as (Nota do Tradutor).

bode expiatório. É, pelo menos, o que se passa com nós outros, Ocidentais, ao passo que as culturas orientais se têm esforçado por criar ordem e disciplina no mundo interior.

A psicologia analítica esforça-se também por não deixar reinar a pura desordem nesse espaço interior, e pelo contrário estabelecer uma disciplina, tomando conhecimento dos dados que aí se encontram. Não devemos confundir o espaço psíquico interior e consciente, com o inconsciente. Tenho consciência da lembrança desagradável que me invade, da cólera que sinto, ou da inspiração luminosa que me atravessa o espírito. O inconsciente só principia numa camada mais inferior, azul no nosso esquema IV. Os Egípcios pintavam de azul as estátuas de Osíris, para indicar que elas pertenciam ao mundo subterrâneo. Aí, as coisas começam a tornar-se diferentes, mas a esse respeito ainda nada dissemos.

Outra pergunta : Há parentesco entre os contributos subjectivos e as perturbações que os complexos determinam nas associações ?

Resposta : Existe, efectivamente, parentesco. Desde que os contributos subjectivos começam a fazer-se sentir de modo desagradável, desde que, por exemplo, nos sentimos mal dispostos — apenas por causa de alguns pensamentos ou de alguns sentimentos percebidos no nosso íntimo — essa opressão é já uma perturbação reveladora de um complexo.

O mecanismo em causa é o mesmo que actua na perturbação de uma associação. O tio de um amigo vosso, por exemplo, morreu e tendes de enviar os pêsames. Sabeis que esse vosso amigo, intimamente, em certo sentido, está contentíssimo com a morte do tio, que lhe deixou uma boa herança. Esta ideia vai ser responsável por um lapso, e em

vez de lhe apresentardes pêsames, enviais-lhe felicitações⁸. A contribuição subjectiva, a ideia que tendes na cabeça, abriu vitoriosamente caminho, o que naturalmente resulta de um complexo, por exemplo, de uma identificação inconsciente com o felizarado do herdeiro. Num caso semelhante, os contributos subjectivos revelam-se com dureza. Outro exemplo quando, no decorrer de uma conversa, se recorda uma passagem crítica para o vosso interlocutor, este pisca os olhos, o que quer dizer: « Desço o pano »; alguém que deseja não ser visto passa na cena.

Há, pois, naturalmente, uma multidão de imponderáveis, que são outros tantos índices das nossas reacções secretas.

Pergunta: Não são as perturbações, que aparecem no decurso de experiências de associações feitas com primitivos, além de condicionadas pelos complexos, condicionadas também pelas interdições resultantes dos tabos?

Resposta: Não fiz experiências de associações com primitivos. É difícil fazê-las com essa gente. Fotografá-los, é já custoso, pois consideram a imagem de uma pessoa como sendo a sua alma. Quando lhe tirais o retrato e o levais convosco, arrebatáis-lhe uma das suas almas e poderia adoecer por isso. Por consequência, os primitivos não querem deixar-se fotografar, com medo que o retrato vá dar às mãos de um feiticeiro que dele se poderia servir para os seus malefícios e arrancar outras almas ao indivíduo fotografado, até que ele morra. As tentativas experimentais somente são possíveis com « mission boys » que, tendo perdido a sua naturalidade, são em geral pouco recomendáveis

⁸ As duas palavras « Kondolieren » (dar pêsames) e « gratulieren » (felicitar), foneticamente muito próximas uma da outra, prestam-se a este lapso que perde todo o seu sabor em francês. (Nota do Tradutor).

para experiências psicológicas. Encontraríamos neles sobretudo complexos europeus e abomináveis sentimentos de inferioridade, devidos à cor. Se conseguíssemos experiências de associações com primitivos autênticos, encontraríamos incontestavelmente reticências, mentos condicionadas, em geral, por complexos pessoais do que por proibições colectivas provenientes dos tabos. Podemos, por exemplo, observar que falar de espíritos diante dos primitivos é provocar uma reacção análoga à de uma pessoa civilizada a quem se houvesse tocado num complexo, ou diante da qual se fizesse uma referência desagradável. Observam-se exactamente os mesmos sintomas, que não devem causar-vos admiração, pois as dificuldades e os embaraços do civilizado, em face dos seus complexos, são simplesmente reminiscências dos antigos tabos.

II °

Continuemos as nossas experiências de associações.

Desejo citar outros exemplos que nos oferecem uma impressão de conjunto dos complexos e que nos encaminham para a sua teoria. Eis, para principiar, a lista das palavras indutoras críticas: « rezar », « separar », « casar », « questionar », « família », « felicidade », « falso », « abraçar », « escolher », « contente », distribuídas entre um grande número de outras palavras indutoras indiferentes, não formando, portanto, uma série sugestiva. Indaguemos do que pode tratar-se aqui.

Eu conhecia, antes de iniciar a experiência, os seguintes pormenores: a minha cliente era uma senhora casada, de

⁹ Terceira Conferência.

trinta anos. O marido tinha-a levado a consultar-me, por causa de crises violentas de ciúme que o martirizavam, embora ele fosse manso como um cordeiro, incapaz do mínimo desvio.

No entanto ela era atacada por violentas crises de ciúme, sem fundamento. Estava casada havia três anos e era católica praticante. O marido era protestante, mas ambos pensavam que isso não tinha importância.

Deve mencionar-se que ela tinha sido sempre muito recatada, não se tendo nunca despedido na presença do marido, mas sempre num quarto separado. Um ano antes, uma irmã igualmente casada, tivera um filho e nem sequer nisso se falou, pois o facto envolvia qualquer coisa de inconveniente. De resto, diziam que se sentiam felizes. Examinei primeiramente essa mulher a fundo e depois perguntei-lhe se o facto de ela ser católica e o marido protestante não seria motivo de dificuldades.

«— Não; estivemos sempre de harmonia a esse respeito. Minha mãe faz muita questão em que eu continue católica e eduque catolicamente os meus filhos.»

Interroguei o marido sobre o mesmo assunto, o qual me respondeu que o caso não tinha importância alguma, e que apenas ia menos vezes à igreja.

Voltei a perguntar à senhora se se sentia infeliz com o casamento.

«— Absolutamente nada; gosto muito do meu marido e é por isso que sinto ciúmes por ele. Não sei qual possa ser a razão disto. Será talvez por eu ter uma natureza apaixonada?»

Compreendi que por simples conversa eu nada conseguia da doente e propus-lhe, para lhe abreviar o sofrimento, submetê-la a uma pequena experiência.

O estudo das reacções críticas deu o seguinte resultado:

A palavra «rezar» tinha provocado perturbações notórias. Veio-lhe então à ideia tudo o que na palavra «rezar» podia haver de desagradável. Após algumas hesitações, declarou: «naturalmente na confissão o padre aperta-nos sempre com perguntas, e por isso é desagradável que o marido seja protestante e talvez até prejudicial haver duas religiões na família».

A palavra «separar», provocou-lhe do mesmo modo o comentário: «no fim de contas, separar o lar».

A «casar», confessa, começando a história a esclarecer-se pouco a pouco, que esse ciúme tem trazido uma perturbação profunda ao seu lar.

— A «disputar», descubro que tem havido inumeráveis discussões entre ela e o marido e que o lar está bem longe de ser tão feliz como pretendem.

A «família», ela associa: «decomposição da família».

A «felicidade»: «não existe felicidade no lar».

A «falso»: «é um erro deixarmos-nos iludir a respeito de outras pessoas».

«— De outras pessoas?»

— A respeito de outros homens.»

A «abraçar»: «abraçar outro homem».

A «escolher»: «escolhe-se mal».

A «contente»: «vive-se sem alegria nenhuma».

Era a verdade. Descobriu-se que ela tinha a cabeça cheia de pensamentos eróticos a respeito de outros homens, ao passo que o marido, estupidamente, não lhe dava o mínimo pretexto justificativo da mais leve censura. Por não poder confessar a si mesma tais pensamentos precisava de fazer essas cenas, como se fosse ele o culpado e não ela. Deste modo, martirizava-o escandalosamente. Na realidade não o amava. Odiava-o e o que queria era ver-se livre dele.

Este exemplo mostra a utilidade de semelhante experiência. Quando temos uma simples conversa com uma pessoa, ela pode, apesar dos seus pestanejos, conseguir enganar-nos de todo e, por vezes, acreditamo-la inteiramente. Mas fazendo-se esta experiência e tendo diante de nós o resultado por escrito, sabemos com o que contamos.

Eis um novo exemplo, muito mais trágico. Trata-se de uma mulher de cerca de trinta e dois anos. Era rica e vivia no estrangeiro com os seus dois filhos. Três ou quatro meses antes de eu a conhecer, tinha ela ficado sem o mais velho, uma menina de quatro anos, morta de febre tifóide. Imediatamente após a morte da criança, manifestou-se um estado depressivo patológico que tornou necessário um tratamento numa clínica. O motivo da depressão parecia aos psiquiatras de uma clareza evidente: a filha predilecta tinha-lhe sido arrebatada e esse choque alterara-lhe o equilíbrio. Foi transferida para o meu serviço e tive de me ocupar do caso. Quis certificar-me se não haveria outras causas e fiz-lhe muitas perguntas. Respondeu-me com uma clareza que o seu estado não havia perturbado: «A perda irreparável desta criança tornou-me inconsolável; eu vivia felicíssima e tudo corria o melhor possível». Nenhum outro motivo da sua depressão era discernível. No entanto, fiz com ela uma experiência de associações, que revelaram a sua patogenia. Eis a lista das palavras indutoras críticas que determinaram reacções prolongadas: «Anjo», «teimoso», «mau», «azul», «vermelho» (seguido de uma perseveração), «rico», «querido», «cair», «livro» (seguido de uma perseveração), «casar» (seguido de uma perseveração que se estende às duas palavras seguintes indiferentes). Não vos peço para adivinhar o significado deste enigma. Não poderíeis chegar ao fim porque são precisos pormenores complementares, e tive de

perguntar à paciente o que é que lhe lembravam as palavras indutoras críticas, esperando, por esse modo, entrar na pista dos complexos afectivos eventualmente responsáveis da sua depressão.

«— Anjo». Que lhe lembra quando pronuncio esta palavra? — perguntei-lhe.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e a doente respondeu que pensava na filha. Continuei logo, dizendo-lhe que compreendia a sua perturbação e compartilhava da sua dor.

Era uma boa introdução às palavras indutoras seguintes que pareciam trazer consigo ainda maiores perturbações e pelas quais tinha sido bom não principiar.

«Teimoso». Meditou longamente e acabou por dizer: «Sou talvez muito teimoso. Porquê? Ou se é teimoso, ou não». Não me demorei mais, mas anotei cá para mim, que havia ali qualquer coisa a elucidar.

«Mau». Esta palavra provocou a mesma meditação que a precedente. Via-se que a atingia a fundo, no mais íntimo de si mesma, de modo indizível e a mergulhava num estado confuso. Achava-se aí, pela certa, o complexo patológico específico, responsável do mal. Tratava-se de qualquer coisa que ela não conseguia agarrar, nem realizar, nem manejar. Os Ingleses dizem, de uma coisa idêntica: «*I cannot cope with it*»: «Não consigo tocar-lhe. É algo de tão escaldante, tão perigoso, tão pesado, que não se consegue apreendê-lo. As coisas que tomam e assumem tais proporções numa pessoa tornam-na doída. O que o eu não consegue chamar a si é patogénico. O infeliz que tiver a desgraça de ser apanhado na engrenagem de tal conflito, se não dispuser de uma cabeça sólida, bem firme em cima dos ombros, tem todas as probabilidades de ser vítima de uma explosão figurada da caixa craniana. Tomei nota na minha ficha: há qualquer coisa de grave.

«Azul». «Sim, os olhos da minha filha eram azuis; tinha olhos lindíssimos, admirados por todos, logo ao nascer.»

De repente, crispou-se, o que observei e anotei de novo: por detrás de tudo isto há ainda mais alguma coisa, pois o seu rosto apresentava a expressão patológica, reveladora da presença de um elemento intangível subjugante.

«Rico». «Nada me ocorre, é assunto que pode ser-me indiferente, pois vivíamos sem dificuldades. Porque havia isso de me interessar? Sim, quem é rico, então? Ah! sim, é exacto; rico é o senhor X.

— Que pode existir de comum entre a senhora e ele?

— Tive por ele uma grande paixão. Mas que tem o senhor com isso! Sim, sabe...»

Anotei: aqui anda mistério! De facto, o episódio surgiu. Pouco antes da doença da menina, recebera a doente a visita de um cavalheiro, amigo desse abastado senhor X, o qual, num momento de ausência do marido lhe afirmara: «estive ultimamente com o senhor X e ele disse-me que sofrera um forte abalo ao saber do seu casamento». Aquilo foi como uma faísca num barril de pólvora. Na sua juventude, a doente andara loucamente apaixonada por esse senhor; pertencia este a uma família de alta posição, ao passo que ela era duma família modesta. Um rapaz de tal categoria não lhe ligaria a mínima importância, imaginava. «É um caso sem esperança e tenho de pensar noutra». Com muito custo conseguiu dominar e modificar os seus sentimentos para casar com o actual marido. A princípio, tudo correu bem. Sentiu-se feliz com o primeiro filho, mas surgiu então um facto dos mais dolorosos: mal a criança abriu os olhos, a mãe notou que não tinha nem os do marido nem os dela, mas os do jovem que amou. Conso-

lou-se com a ideia de que Deus a brindara com aquela criança com uns olhos assim, como recordação do seu imenso amor. Esta ambiciosa hipótese, compreende-se, foi-lhe necessária para dominar e ultrapassar o choque. Depois, não mais ouviu falar do senhor X e a vida deslizou tranquila e sem alteração. Um belo dia, esse amigo comum revela-lhe que o interessado se tinha também apaixonado por ela e sofrera ao vê-la casar com outro. Desde aí, manifestou-se na doente, o que aparece sempre em caso idêntico, uma situação, uma tensão afectiva que colocou o seu ser consciente em estado de deficiência, e a deixou desorientada, de modo que, em virtude deste «abaixamento do nível mental» (Pierre Janet); não mais soube perfeitamente o que fazia. Só ainda se recorda que, de repente, a menina adoeceu.

A palavra seguinte era «costumes»; reagiu com: «maus costumes», querendo dizer: costumes imorais. Depois voltou à palavra «mau». Perguntei-lhe: «Que quer dizer? Que há aí de imoral e de mau?

— Não sei — respondeu.

«Dinheiro». Isso fez lembrar as possibilidades passadas, já entrevistas a propósito da palavra «rico».

«Querido». Pensou na filha querida.

«Cair». Esta palavra recordou-lhe pensamentos eróticos sobre o seu antigo amor.

«Casar» recordou-lhe o casamento, um tanto ou quanto artificial.

Só restavam inexplicadas as palavras «mau», «teimoso», «imort». Voltei à palavra «mau» e perguntei-lhe: «Que há no fundo de tudo isso? Esqueceu-se de me contar alguma coisa? Como contraiu sua filha a febre tifóide?»

«—O caso passou-se assim : banhei-a em água vulgar.»

A doente tinha vivido numa cidade onde havia água potável e água inquinada. Ao banhar a filha na água inquinada—do que só depois se lembrou—viu-a de repente levar a esponja à boca, mas estava tão perturbada que não pensou em o impedir. Este acidente fez-lhe perder todo o autodomínio; o filho mais novo, de dois anos e meio, aproximando-se da banheira, quis também beber água, e ela consentiu. Porque fizera isso? Não sabia. Vi que estava aniquilada e fechada tanto à realização mental como ao significado do acto praticado.

Interrompi o exame, tendo-se tornado o assunto melindroso mesmo para mim. Achei-me de repente em face de um conflito irremediável. Tratava-se de uma doente, de quem se tinha feito um diagnóstico de esquizofrenia, mas que se podia talvez ainda salvar. Se nada se fizer, pensei, sairá do asilo no fim de mais ou menos tempo, com um mal mais ou menos grave. O drama, não corrigido, cairá no esquecimento; ficará simplesmente associado ao domínio do além e ela nunca saberá o que realmente fez.

Ou então, tenho de me arriscar a fazer explodir todo o edifício, dizendo-lhe que assassinou a filha e que queria igualmente matar o outro filho, para poder casar com o senhor X. Tal era a situação. Reflecti um dia e uma noite e disse de mim para mim: Em vez de deixar a doente sepultar-se, incurável, num asilo de alienados, melhor é abrir o tumor. Assim, arrisco-me, mas não possuía uma certeza absoluta. Como médico, tinha de correr o risco. No dia seguinte, visitei-a e disse-lhe: «Devo comunicar-lhe uma coisa séria. A senhora matou a sua filha, e tencionava igualmente matar o mais novo, que, por milagre, não foi infectado. A senhora queria fazer isso, para se ver livre dos seus filhos, desfazer

a sua união e casar com o outro». Lançou-me um olhar fixo, soltou um grande grito e desfez-se em lágrimas. Pensei no íntimo de mim mesmo: «Agora, acertei».

Depois de algum tempo, a doente voltou a si, ficou normal e pôde, quinze dias mais tarde, ter alta, já curada. Nenhuma perturbação mental persistiu e durante os quinze anos em que continuei a saber dela, conservou-se sempre de boa saúde. O caso envolvia também um aspecto que dizia respeito à justiça criminal. Como assassina, a paciente incorria em castigo; a depressão mental resolvera-lhe psicologicamente o caso; a alienação tinha-a poupado à prisão e o enorme fardo com que carreguei a sua consciência salvara-a da alienação, porque, depois de se reconhecer o pecado, pode viver-se com ele, mas teimar em negá-lo é terrível.

No decurso de uma experiência destas podem encontrar-se elementos de importância vital, altamente perigosos. A frequência com que se descobrem, sob uma aparência de inocência, estados em ignição é espantosa. A experiência ensinou-me a ser muito prudente, porque há mais pessoas do que se julga portadoras de psicoses latentes. Numerosas psicoses dormitam no inconsciente; elas provocam nos seus portadores, à superfície, uma aparência exageradamente normal. Verificá-lo-eis, por exemplo num indivíduo que se apresenta como vegetariano convicto, ou abstinente intransigente, ou sócio dedicado de uma instituição de beneficência, ou se consagra a acções particularmente louváveis, para provar que tem absoluta razão em tudo quanto faz. Por isso, muitos indivíduos portadores de psicoses latentes se tornam alienistas, com o fim de provarem que são muito menos loucos do que os doentes que tratam. Sentem com

isso um grande prazer que os tranquiliza e podem exclamar: « Graças te dou, Senhor, por me não teres feito como eles ». Esta atitude, por vezes, salva uma vida! »¹⁰.

Esta experiência comporta complementos. Duvidou-se, naturalmente, durante muito tempo, da exactidão de tudo isto, enquanto não foi possível apresentar a prova material de que se tratava de manifestações afectivas. É uma felicidade poder recorrer-se a um dispositivo experimental que permite desvendar, com a clareza precisa os afectos. Aludo ao fenómeno psicogalvânico, cujo princípio é o seguinte: sabe-se de longa data que são as manifestações afectivas que influenciam principalmente o sistema nervoso simpático, presidindo este, por sua vez, ao funcionamento vegetativo do organismo.

Por isso, os afectos fazem dilatar os vasos, actuam sobre o coração, produzem palpitações, fazem corar ou vomitar, modificam os capilares sanguíneos da superfície da mão, o estado de secreção ou de repouso das glândulas da pele, a posição dos pêlos, tornam a pele arrepiada, etc. ... É, portanto, legítimo descobrir afectos mediante modificações orgânicas desta natureza, fáceis de registar com a ajuda de um circuito eléctrico simples. Uma corrente muito fraca atravessando o corpo, por exemplo, entre as duas mãos apoiadas sobre dois largos eléctrodos, encontrará, conforme o estado funcional, uma resistência maior ou menor. No estado normal a resistência sentida e portanto a intensidade da cor-

¹⁰ A este respeito, pode lembrar-se a definição da inclinação, que se tem dito ser a forma psicológica de uma necessidade! E também que « a desgraça dos outros dá-nos prazer, mesmo quando os ajudamos! » (Nota do Tradutor).

rente serão constantes, mas surja um affecto, e os capilares da pele dilatam-se, as glândulas segregam e o contacto entre as mãos, e os eléctrodos melhora, diminuindo, por consequência, a resistência e aumentando a intensidade da corrente.

As variações de intensidade da corrente convenientemente registadas durante uma experiência de associações revelam oscilações da resistência electrocutânea, modulações que, nas condições da experiência, não podem ser atribuídas senão às reacções afectivas do sujeito sob a influência das palavras indutoras.

Procede-se da seguinte maneira: toma-se um elemento de pilha com uma corrente de fraca tensão, de seis vóltios, e introduz-se no circuito um galvanómetro de espelho que marca com grande sensibilidade as modificações da intensidade da corrente, graças a um íman suspenso que gira mais ou menos em função dessa intensidade. O íman tem um espelho sobre o qual se projecta um raio luminoso que, reflectido, se desloca sobre uma escala, quando o espelho gira. Introduzem-se, igualmente, no circuito dois eléctrodos de latão, espécie de semibolas de espessura tal que se possam segurar bem na mão. O sujeito coloca por cima as mãos que são cobertas por pequenos sacos de areia, com peso suficiente para neutralizar os movimentos musculares involuntários. Graças a um dispositivo registador, pode marcar-se na mesma curva o instante em que é pronunciada a palavra indutora, o instante da reacção, e os afastamentos do raio luminoso, que marcam as variações da intensidade da corrente. Nota-se que as palavras indutoras indiferentes não provocam variações de intensidade da corrente, ao passo que as palavras indutoras críticas, determinantes de um tempo de reacção prolongado, causam, depois de curta latência, uma amplificação de intensidade. Deixa-se o galvanómetro

voltar à posição de equilíbrio e pronuncia-se depois a palavra indutora seguinte, etc. ... Obtém-se, assim, uma curva que acrescenta aos índices de complexo referidos acima, a prova tangível dos abalos orgânicos produzidos pelos afectos subjectivos.

Pode-se ainda completar este dispositivo com a ajuda de um *pneumógrafo*, graças ao qual se regista o ritmo e a amplitude respiratórios. Poderá, portanto, estabelecer-se ao mesmo tempo uma curva da respiração que nos vai revelar um fenómeno singular: verifica-se, com efeito, durante a actividade de um complexo escutado por uma palavra indutora, uma redução da respiração, que retoma, pouco a pouco, o nível normal. No momento crítico, o volume respiratório diminui, a respiração contraí-se, decresce para metade e o sujeito, se lhe chamássemos a atenção para o facto, sentir-se-ia indisposto. Na vida corrente não se dá por isso, a não ser pela voz tensa das pessoas que se debatem numa situação fortemente emotiva. Imaginai um estado destes prolongado durante alguns dias! O complexo existe no estado latente, acompanhado pela tensão que gera; a respiração torna-se, portanto, superficial e daí uma ventilação insuficiente do pulmão, o que é causa de *numerosas tuberculoses* e da presença de tantos neuróticos em Davos e nos sanatórios! No decurso desta experiência põe-se, portanto, em relevo uma observação que correntemente pode também fazer-se: se falardes com um indivíduo a quem um complexo atingiu e lhe observardes a respiração, notareis que esta fica imperceptível, córtada de repente por um profundo suspiro. Se lhe perguntardes porque suspira, responderá: « Não sei, é como vê ». São pessoas cuja respiração é cronicamente diminuída pela acção de um complexo. Estes fenómenos produzem-se regularmente, quer o complexo seja consciente ou não; por

consequência, o fenómeno psicogalvânico, completado pelo pneumógrafo, prova de maneira inegável a exactidão da hipótese de que *os nossos complexos constituem grandezas afectivas*.

Citemos ainda uma aplicação da experiência de associações que revela condicionamentos psíquicos singulares, num domínio até aqui confiado ao arbitrário. A *interdependência psíquica intrafamiliar*, de que vou falar-vos, é, como sabeis, um dado original, que encerra a chamada *participação mística*, expressão estranha que se devia substituir, para ser exacto, por *participação inconsciente*. Foi Lévy-Bruhl quem criou a noção de « participação mística », por ele apenas empregada a respeito dos primitivos, para exprimir o facto surpreendente de experimentarem estas relações que escapam à razão lógica.

Na América do Sul, os índios de certa tribo julgam-se araras vermelhas, quer dizer uma espécie de papagaios grandes. Quando lhes dizemos que isto não é possível, pois não têm asas nem penas, não podem voar, que são demasiado pesados, respondem: « Isso é um puro acaso; por certo que as araras são pássaros, mas elas são nós e nós somos elas. Somos também araras vermelhas, mas sem penas ». Por falta de mentalidade pré-lógica, não conseguimos compreender semelhante argumento, que nos pareceria de uma lógica perfeita, se, como os primitivos, tivéssemos os pressupostos de uma psique projectada. Mas nada disso acontece. Não nos passa pela ideia que os animais nos imitem, actuem no interior da nossa psique, ou possam, mesmo de maneira diferente, falar ou adivinhar os nossos pensamentos. Para o primitivo, isso é um dado baseado nas suas próprias expe-

riências, para nós muito estranhas, mas muito abundantes no mundo do primeiro. Os primitivos identificam umas com as outras, as coisas mais afastadas, mais diferentes, julgando que são uma só coisa, que uma certa planta mágica, por exemplo, é idêntica ao milho e ao veado. Para eles não há entre estas três coisas nenhuma diferença essencial. Como é isso possível? É coisa impenetrável ao nosso pensamento e destrói o nosso princípio de identidade. Eis o que constitui precisamente a participação mística ao nível dos primitivos. Não a compreendemos melhor do que certas expressões empregadas por eles, tais como: « O meu filho sou eu », ou certas cenas semelhantes a esta, em que um velho negro, encolerizado contra o filho, que lhe não obedece, exclama: « Está metido no meu corpo, e não faz o que lhe mando! » O filho, é ele! A mulher que lhe deu um filho, colocou-o outra vez no mundo, e fê-lo nascer de novo. O homem sem filhos é mortal e o que tem um filho é imortal, porque o filho é o pai. Esta identidade absoluta não tem entre nós qualquer sombra de realidade e mergulha numa vida oculta.

Voltemos, porém, ao problema da psicologia familiar. Pode ser estudada, não só pelo método analítico, mas ainda pelo processo experimental. Fizemo-lo, efectuando inúmeras experiências de associações em famílias de condição social humilde, onde as reacções verbais não são tão delicadas, tão polidas pelo uso como nos meios cultos. Submetemos os materiais assim reunidos a um exame profundo. A experiência de associações nesta nova ordem de investigações não se pode aplicar tal como acima a descrevi. Há que recorrer a outros pontos de vista precedentemente desprezados, sendo agora a questão principal o que o sujeito responde. A palavra *água*, um reagirá com *verde*, outro com *chuva*, o terceiro com *flor*, o quarto com *H₂O*, etc. ...

Nas experiências familiares prendemo-nos com o teor e a natureza destas respostas, cujo exame sistemático revela factos de alto interesse. Para esse estudo, tivemos de estabelecer uma classificação de reacções por categorias, constituindo cada categoria de reacções uma espécie de unidade capaz de permitir comparações e medidas.

Repartimos as associações em quinze categorias ou grupos lógicos e verbais. É uma distribuição puramente empírica, o que expressamente sublinho, para que a sequência da minha exposição não resulte incompreensível. Segue-se a enunciação, com exemplos de associações correspondentes, dos quinze grupos em questão:

1.º — Associações como: *liberdade* — *vontade*, *ir* — *subir*, são *coordenações*, sendo a resposta, no espírito do sujeito, constituída por um termo naturalmente próximo da palavra indutora.

2.º — Outras associações, como: *aldeia* — *casa*, *azul* — *cor*, *pintar* — *arte*, são *subordinações*, ou *supra-ordenações*.

3.º — Associações como: *branco* — *preto*, *redondo* — *quadrado*, são *contrastos*.

4.º — Associações como: *inverno* — *maravilhoso*, *passar* — *aborrecido*, são *atributos de valor*, *predicados sentimentais*. Há sujeitos que reagem de preferência deste último modo, principalmente mulheres.

5.º — Reacções como: *água* — *verde*, *cabeça* — *redondo*, são *predicados simples*, *predicados objectivos*.

6.º — Associações como: *faca* — *cortar*, *rosa* — *florescer*, são *associações de actividade*.

7.º — Associações como: *quente* — *estio*, *sono* — *noite*, *obsuro* — *cave*, podem ser enquadradas num grupo caracterizado pela *designação do lugar, do momento, do meio*.

8.º — Associações como : *cadeira — utensílio, martelo — instrumento*, são definições que aparecem frequentemente em indivíduos (que elas ajudam a caracterizar), portadores de um complexo chamado de « inteligência », isto é, em sujeitos que, no íntimo de si mesmos, duvidam terem a inteligência que supõem. Procuram, de certo modo, e sem o saber, provar ao experimentador, cuja convicção os tranquilizará, as suas qualidades intelectuais. Estas respostas « por definição », não saem unicamente de indivíduos pouco inteligentes : podem também indicar noutros um sentimento de inferioridade, como o que certas pessoas têm a respeito da sua instrução.

9.º — Associações como : *mesa — cadeira, mão — pé*, são *coexistências*.

10.º — Associações como : *ir — ir a pé, quarto — compartimento*, são *identidades*.

11.º — Associações como : *cavalo — cavalos, livre — liberdade*, são *associações verbais motoras*.

12.º — Associações como : *compra — poder de compra, toalha — toalha de mesa*, são *expressões compostas*.

13.º — Associações como : *vida — vivaz, belo — beleza, branco — brancura*, são *prolongamentos complementares de palavras*.

14.º — Associações como : *velho — relho, tomar — tornar*, são *associações tonais*.

15.º — O décimo quinto grupo, enfim, é o das respostas defeituosas, ou das ausências de resposta.

Estudámos assim um grande número de famílias, fazendo experiências de associações com todos os seus membros e distribuindo os materiais retnidos conforme as categorias acima referidas. Se collocarmos as categorias em abscissa, e a percentagem de respostas de cada uma delas em ordenada, pode-

mos obter, num mesmo esquema, sobrepostas umas às outras, as curvas relativas às respostas dos diferentes membros, curvas pelas quais facilmente se determinará um tipo familiar.

Num caso particularmente interessante, verificou-se não somente o mesmo hábito, mas também a identidade de 30 % das reacções. Não é, portanto, exagerado dizer que, neste caso, 30 % dos processos mentais dos diferentes membros da família eram idênticos. Belo exemplo de « participação mística », que mostra claramente que esta também existe entre nós. Não é, por consequência, somente uma hipótese, confirmada por algumas excepções, falar *das fortes ligações existentes entre os membros de uma mesma família*, como um facto de alcance e de valor muito gerais.

Estas ligações não são necessariamente de natureza emocional. Estudámos uma família em que um dos membros era um doente mental que sofria da mania de perseguição. Determinámos o tipo familiar e quais os membros da família que com maior nitidez representam este tipo. Vimos que o doente mental é sempre o membro do agregado — outros estudos vieram confirmá-lo — que melhor encarna o tipo familiar e que a sua mania de perseguição é dirigida principalmente contra os familiares, como ele mais claramente representativos do mesmo tipo. Estes doentes, onde quer que estejam, arrastam sempre, por assim dizer, a família com eles e por a trazerem neles, é que sentem a seu respeito tais resistências ! A maioria das vezes, trata-se menos, nestes casos, de ligações afectivas, do que de adaptações, influências, hábitos, resultantes de mecanismos íntimos, espécies de marcas feitas de uma vez para sempre e que o sujeito nunca mais consegue apagar. Reage-se, compreende-se, sempre do mesmo modo ; criamos infalivelmente em torno de nós a mesma atmosfera que já reinava na casa familiar. Estas

conclusões de psicologia não são puras fantasias, são factos muito importantes!

Ocupemo-nos agora da questão da *intensidade do parentesco*¹¹.

A diferença média entre dois homens não parentes é de 5,9. É uma diferença relativamente fraca, mas devemos recordar que falamos a mesma língua, vivemos no mesmo lugar, no mesmo mundo, o que explica esta diferença bastante reduzida. Para mulheres não parentes, a diferença é de 6. Com as pessoas cultas, as diferenças são mais reduzidas ainda, pois os indivíduos cultos utilizam a linguagem com grande arte, mais para encobrir do que para exprimir o que lhes vai no pensamento. Entre homens ligados por parentesco, a diferença é de 4,1, e entre mulheres parentes, de 3,8, verificando-se, portanto, que pessoas parentes umas das outras se assemelham mais no ponto de vista psicológico, do que pessoas não parentes. As mulheres parentes têm

¹¹ Para a esclarecer de modo prático, por um simples número, a partir das experiências de associações, Jung procedeu da seguinte maneira: quando quer comparar dois indivíduos da mesma família, por exemplo, estabelece um quadro como o que segue:

Qualidade das associações	Porcentagem 1.º indivíduo	Porcentagem 2.º indivíduo	Diferença das percentagens
1.º — Coordenações	6,5	0,5	6
2.º — Sub e supra-ordenações	7	0	7
3.º — Contrastes	2	5	3
15.º — Grupo	1	0	1

Depois estabelece o total das diferenças, divide-o pelo número dos grupos, obtendo assim « uma diferença média ». É desta diferença média que a seguir se trata. Representa um número bastante arbitrário que não indica as diferenças de maneira ideal, mas apenas as situa por ordem de grandeza, de maneira prática, e permite resumir a sua descrição circunstanciada. (Segundo FÜRST *Études sur les associations* de C. G. Jung, Barth, Lipsia, 1906. Tradução em preparação). (Nota do Tradutor).

entre si ainda maior semelhança que os homens ligados por parentesco. Deve-se isso a que os homens se afastam relativamente cedo da família e singularizam-se mais; a mulher fica mais tempo no lar, por motivo do seu temperamento e da sua natureza e perpetua o carácter familiar com muito mais fidelidade. O pai e os filhos têm uma diferença de 4,2, quase a mesma que existe entre homens aparentados. Entre a mãe e os filhos essa diferença média é só de 3,5, o que se explica pelo facto de as relações entre os filhos e a mãe serem mais íntimas que entre os filhos e o pai, e viverem as crianças sobretudo na companhia da mãe. Entre o pai e os filhos, a diferença é de 3,1; entre o pai e as filhas, de 4,9. A grande aproximação entre os filhos e o pai é um facto primordial; o filho passou em todos os tempos por ser um renascimento do pai, o que essa aproximação exprime muito adequadamente.

Entre a mãe e os filhos a diferença de 4,7 é um tanto sensível. Entre a mãe e as filhas, é de 3, o que constitui a diferença mínima. As filhas são uma repetição da mãe. Os irmãos têm entre si uma diferença de 4,7 e as irmãs de 5,1, o que parece resultar do individualismo natural que caracteriza as raparigas, « e também da influência do casamento que parece perturbar o tipo reaccional, (na medida em que o próprio marido pertence a um tipo diferente) »¹², porque as irmãs, enquanto não casam, têm entre si só uma diferença de 3,8 e os irmãos de 4,8. (« Parece, pois, que a diferença entre os irmãos não é sensivelmente influenciada pelo casamento »)¹³. Os cônjuges apresentam uma diferença média de 4,7 aproximadamente a diferença que existe entre o pai e as filhas, ou entre a mãe e os filhos.

¹² FÜRST, obra citada (Nota do Tradutor).

Esta experiência pode ser empregada para fins judiciais. Utiliza-se de modo inverso nas investigações criminais, empregando uma lista de palavras indutoras, às quais se juntam certas palavras críticas, relacionadas com os factos a averiguar. «Qualquer pessoa estranha aos pormenores do crime, nada verá de particular nas palavras indutoras que os evocam, mas o autor do crime sente-as em relação com o acto que praticou e torna-as indubitáveis índices de complexo»¹³.

Um dia, em Zurique, fui convidado para uma experiência desta natureza. Para isso, puseram à minha disposição quatro indivíduos e deram-me liberdade de escolher um episódio apropriado que seria considerado «crime». Tirei de um livro uma gravura que representava um pintor sentado no campo; atrás dele havia um campanário e adiante, uma vaca, que aquele pintava. Escrevi por cima da gravura os termos designando os objectos mais característicos: isto é um pintor, um campanário, uma vaca, etc. ... Depois enviei a gravura ao professor de direito que tinha organizado o teste, pedindo-lhe o favor de a mostrar a um dos quatro estudantes que me serviam de paciente, o qual a devia fixar de memória, enquanto os outros, naturalmente, nada deviam saber. O meu trabalho era descobrir, entre os quatro estudantes, que eu desconhecia totalmente, aquele a quem se tinha mostrado a gravura. Ora, sublinho, a gravura não representava para o indivíduo na berlinda senão um fraco estimulante e não constituía para ele um complexo: o sujeito em questão podia dizer que se ria disso, pois a única emoção susceptível de ser sentida provinha do desejo de se não deixar descobrir. Tive de examinar os indivíduos diante de uma

¹³ Nota do Tradutor.

assembleia e fiz uma experiência de associações com o primeiro, o qual começou a fazer de parvo, e a dar a entender que sabia tudo, quando, na realidade, nada sabia, deixando passar as palavras indutoras críticas sem qualquer reacção particular.

O segundo, muito gentil e calmo, reagiu imediatamente a cada palavra crítica. «Eis o culpado», exclamei, e era de facto ele! Pode-se, deste modo, em certos casos, descobrir o autor de um crime. Apresentar a prova da culpabilidade é, naturalmente, questão muito diferente, mas por vezes é possível conseguir-se um índice que é quase prova. Tenho esclarecido, por este processo, alguns casos reais.

Há casos em que os complexos influenciam a linguagem em alto grau; verifica-se que certas palavras indutoras determinam manifestações especiais, idênticas ao que em filologia e em linguística se chamam *aglutinações*. Diz-se que há aglutinação quando, se a palavra principal de uma frase contém, por exemplo, um *ô*, todas as outras palavras da frase forem escolhidas de modo a encerrar igualmente esse *ô*, como acontece com frequência nas línguas negras.

Exprimimos, por exemplo, a ideia: «o Verão é quente» (*P'été est chaud*), pondo o acento sobre *chaud*; os negros, na sua linguagem, diriam qualquer coisa de parecido com: «*P'autau au chau*». Todas as palavras secundárias adoptam a vogal da palavra principal, o que já não se dá nas línguas evoluídas, embora no turco e no húngaro ainda haja alguns vestígios disso. Se, porém, algum afecto for exteriorizado por esse meio, a palavra que o exprime com mais força, tem a tendência para se repetir como uma rima. O caso ideal seria o de alguém que, gritando: *ai*, repetisse: *ai, ai, ai*. É essa, sem dúvida, a *origem da rima*. Todas as exclamações de potencial emocional possuem essa tendência para

a repetição, para a atracção de outros elementos e para a aglutinação.

Quando se está com um humor patético, quando se fala de maneira emocional e afectiva, há a tendência para nos exprimirmos por aliteração, e é essa a origem do discurso e do verso. Existe uma marcada indicação para a expressão em verso, desde que se é atingido por um affecto. É muito significativo que, entre o primitivo, os affectos são pretexto imediato para movimentos rítmicos. A dor, por exemplo, exprime-se por uma elevação rítmica dos braços. As manifestações afectivas ritmadas entre os primitivos, particularmente entre os negros, tomam imediatamente o carácter de dança. Desde que qualquer coisa aconteça, relacionada com os affectos, há imediatamente uma dança, como uma ocasião o verifiquei de maneira muito divertida. Era a segunda noite que passávamos na selva. Todos nos encontrávamos sentados em redor do fogo. Ao lado havia um espaço livre e em seguida a erva dos elefantes. Um pouco mais distante, perfilavam-se as árvores sombrias da floresta. Ouvia-se uma série de gritos e murmúrios, sem se saber donde vinha. Fumávamos tranquilamente, muito satisfeitos com a nossa nova vida de exploradores.

De repente, sente-se uma enorme balbúrdia, uma confusão ridícula de brados, assobios e grunhidos. Perguntávamo-nos o que sucedia, quando o cozinheiro saiu precipitadamente da tenda, a gritar que tinham entrado no seu antro. Avistámos então um grupo de hienas, pegámos imediatamente nas espingardas, disparámos logo, julgando ter feito correr muito sangue. No dia seguinte de manhã, não vimos uma gota, tendo, com a emoção, disparado completamente à toa. O incidente excitara fortemente os nossos rapazes. A entrada das hienas na tenda do cozinheiro perturbara-os de tal modo que os obrigou no dia seguinte a executar a

dança da morte do cozinheiro vítima das hienas : um fez de cozinheiro a dormir ao canto do lume ; outro de hiena a atacar bruscamente o dorminhoco e a estrangulá-lo no meio de grandes gritos. A cena repetiu-se vinte a trinta vezes, demonstrando os outros rapazes uma evidente satisfação, em face deste espectáculo digno realmente de ser visto.

Durante dois dias não se fez outra coisa senão dançar assim. As emoções dos primitivos são traduzidos sob a forma de danças e de cantos.

Assisti a espectáculos análogos, quando chegávamos a certas aldeias, em que a nossa vinda era anunciada por cantos acompanhados a cítara de três cordas : « Três grandes homens brancos vieram até nós ; trazem cigarros e fósforos. Estamos muito contentes por terem vindo », etc. ...

Também a nossa chegada devia ser festejada daquela maneira.

Pergunta : Os métodos de associação, de que nós falásteis, são ainda utilizados praticamente, ou têm só valor histórico ?

Resposta : São ainda empregados por principiantes da análise, que carecem de segurança. Utilizam-se também no ensino, porque constituem um método incomparável para mostrar a eficácia dos complexos. Pessoalmente já os não emprego na prática ; adquiri através deles experiência bastante para já não precisar de quintos de segundo para verificar certas hesitações ou certas perturbações que descubro directamente. Com um fim didáctico, o método das associações tem ainda o seu valor inicial. É extremamente vantajoso, quando se trata de fundamentar a compreensão dos mecanismos psíquicos em bases sólidas.

*

III¹⁴

Tratemos agora da *utilização teórica das experiências de associação*. Estas experiências conduzem a conclusões de grande importância para o desenvolvimento ulterior das noções fundamentais. Por elas se pode fazer uma ideia das características essenciais das neuroses e do modo como actua o inconsciente. O complexo é um conteúdo psíquico de tonalidade afectiva consciente ou inconsciente em graus diversos, encontrando-se certas palavras indutoras atraídas, captadas por um complexo, sem que se veja claramente por que motivo dele fazem parte: as suas relações com o complexo são relações *simbólicas*. Seria preferível dizer: *referem-se ao complexo*, são uma *alegoria verbal* que o sugere. Recordemos o caso do indivíduo envolvido numa rixa à facada. É pouco provável que a palavra *afiado* tenha feito parte integrante do complexo, o qual nem por isso deixou de ser atingido por esta alusão periférica.

Se eu tivesse registado com este mesmo sujeito mais reacções, determinadas por cem novas palavras indutoras, é certo que, entre elas, um determinado número lhe teria de novo acertado no ponto fraco. Dá-se com estas experiências o que se passa na vida corrente, onde nos comprazemos, por vezes, com alusões, que, por serem indirectas, não deixam de mexer com a caixinha dos segredos, e nas quais empregamos uma multidão de expressões, sem razão consideradas simbólicas e em rigor apenas alegóricas, como, por exemplo, os eufemismos, que exprimem sem se dar por isso, a ideia de roubar: «meter ao bolso, empalmar, pilhar, mexer no que está quieto», etc. ... Numerosas são as figuras

14 Quarta Conferência.

de linguagem que passaram a provérbio, e desse modo exprimem actividades emocionais, de que se prefere não falar directamente. A gíria, o calão, o falar vulgar têm, neste aspecto, uma imaginação inesgotável e criam sem cessar inumeráveis perífrases, mais ou menos directas, alusivas, a complexos. Um complexo, em virtude do seu potencial afectivo, é como uma sopa escaldante que se não pode levar aos lábios pelo que nos contentamos com o rodear de palavras, isolando-o, melhor ou pior, com alusões. É o que acontece igualmente na linguagem religiosa, em particular desde que se trata de objectos esotéricos; escolhem-se para estes designações indirectas. Era uso, por exemplo, durante o primeiro e o segundo séculos depois de Jesus Cristo, não designar Cristo directamente pelo nome. Dizia-se, simplesmente, «o Peixe». Também os outros segredos da religião, que mais tarde se tornaram sacramentos, só eram, então, designados alegoricamente, como mistérios, de modo que o profano não podia, isto é, não devia compreendê-los. Eram ainda nessa época assuntos religiosos muito escaldantes, principalmente por serem dos mais temerários. Encontram-se, assim, todos os apelidos possíveis e imagináveis para as coisas que voluntariamente se dissimulam. As designações indirectas e alusivas, feitas apenas de associações mediatas, não são, portanto, propriamente falando, símbolos.

Para bem as compreender, é necessário reintegrar a experiência de associações nesta fenomenologia geral do espírito humano, porque as relações mediatas com os complexos, mostram-nos a curiosa actividade destes últimos. O complexo é uma espécie de íman, um centro carregado de energia que atrai tudo o que lhe está ao alcance, mesmo coisas indiferentes. Quando, por exemplo, vivêsteis um episódio de importância, guardais na memória certos pormenores da localidade, cheiros, etc. ... que, em si, são talvez completa-

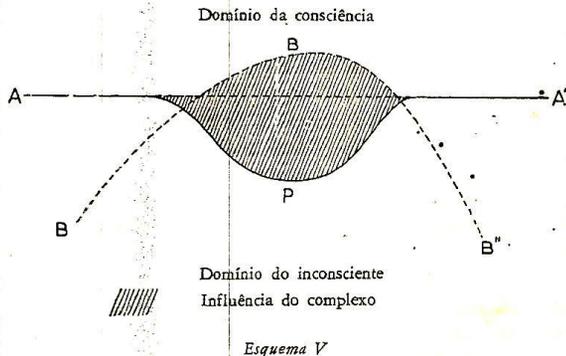
mente estranhos e indiferentes ao sentido do complexo. Nem por isso deixam, todavia, de estar englobados pelo complexo na esfera tabo, estando marcados também com o sinal do tabo e podendo agir, evocados na ocasião própria, como estimulantes condicionais do complexo¹⁵. Por isso se diz que o complexo exerce um efeito atractivo e assimilador.

Quem estiver sob a influência de um complexo predominante; assimila, compreende e concebe os dados novos que surgem na sua vida, em conformidade com esse complexo, ao qual ficam submetidos; em resumo: o indivíduo vive momentaneamente em função do seu complexo, como se vivesse um imutável preconceito originário.

Os complexos — as nossas experiências mostram-no claramente — gozam de marcada autonomia. São entidades psíquicas que vão e vêm a seu bel-prazer e a sua aparição ou desaparecimento escapa ao domínio da nossa vontade. Assemelham-se a entidades independentes que levassem no interior da nossa psique uma espécie de vida parasitária. O complexo irrompe na estrutura ordenada do eu e aí fica, ao sabor da sua conveniência. Temos as maiores dificuldades em nos desembaraçarmos dele. Além disso, desde que se manifesta de modo sensível, altera-nos a consciência, obriga-nos a assimilar, a compreender, a cometer tolices em função da sua tonalidade própria; perturba-nos a memória e as respostas influenciadas por complexos não deixam lembranças firmes, ou são esquecidas; tanto assim que o valor do nosso testemunho fica comprometido pela acção dos complexos, os quais nos impelem a mentir, sem saber, e a con-

¹⁵ A relação de proximidade com os reflexos condicionados de Pavlov é evidente, tendo o treino de cães de fistula por objectivo associar um sinal luminoso, por exemplo, ao complexo da alimentação, — sinal luminoso que, apresentado depois sozinho, provoca todos os mecanismos que são corolários da apresentação dos alimentos. (Nota do Tradutor).

tradizer-nos, pois não somos já completamente nós mesmos, quando um complexo nos domina.



A experiência de associações prova eloquentemente tudo isto. Nada podemos fazer. O complexo é, por assim dizer, uma individualidade psíquica à parte, subtraída, em maior ou menor medida, ao comando hierarquizante da consciência do eu. Daí, o facto singular que certos complexos possam ser provisoriamente conscientes, para desaparecerem eventualmente em seguida, mergulhando na inconsciência, onde nos mantêm sob o seu domínio, sem mesmo notarmos que sofremos a sua influência; todas as vezes que um complexo manifesta activamente a sua presença, resulta daí, para a consciência, um efeito típico representado pelo esquema V. Suponhamos a consciência dotada de uma certa força, uma certa atenção, e que a linha horizontal AA' representa o seu nível no estado de vigília. Se existe um complexo e começa a activar-se, aproxima-se, por assim dizer vindo de baixo,

do nível da consciência, segundo a curva BB', ao mesmo tempo que a consciência vê o seu nível ceder. Verifica-se um «abaixamento do nível mental», ou seja, uma diminuição da intensidade da consciência, segundo a curva AP.

Se isto, como o esquema o representa, se produz de modo intenso, até ao ponto de exercer o complexo um domínio total sobre o sujeito, a consciência, durante esse lapso de tempo, fica suspensa, torna-se subliminal, encoberta pelo complexo; é como se não houvesse já nenhuma consciência normal, e nada mais existisse senão o afecto. Há, portanto, uma espécie de compensação dinâmica entre o complexo e a consciência. Não vemos somente o complexo elevar-se ao nível da consciência, ou ultrapassá-la; assistimos simultaneamente a um enfraquecimento da consciência, que se torna sonhadora, desatenta, cedendo, de certo modo, ao complexo a plena intensidade que caracteriza o estado de vigília. Este abaixamento do nível mental dá-se frequentemente na vida corrente, sem que se distinga o complexo causador, o qual permanece imperceptível, tanto para o próprio sujeito, como para quem o observa. Apenas o abrandamento consciencial é perceptível, assistindo-se, bruscamente, a uma perda de intensidade da consciência; o sujeito torna-se distraído, não presta atenção correctamente e se lhe perguntamos o que se passa, não sabe responder. Em caso idêntico, os primitivos dizem que uma alma os deixou, o que exprime perfeitamente o facto de uma parcela de energia consciencial ser transferida para um complexo subjacente. Certos doentes mentais exprimem o fenómeno, dizendo: «tiraram-me as ideias», como se o complexo absorvesse de repente o que, ordinariamente, se produz à superfície da consciência. O calão psicológico chama a isso uma *perda de libido*, tendo sido esta captada por outra via. A energia, contudo, não desaparece sem deixar alguns vestígios: vai

inserir-se num complexo já existente. Sendo os complexos uma espécie de parasitas psíquicos, susceptíveis de se anicharem nesta ou naquela função, podem causar, como se tem verificado, perturbações verbais, estados de excitação, transtornos circulatórios, etc.

Estas manifestações curiosas suscitaram desde muito cedo tentativas de explicação: os complexos, isto é, as entidades com as singularidades apresentadas, foram tidas no passado como duendes, gnomos, seres sem coração e de alma gelada. De facto, os complexos, na origem, constituem a representação dos *espíritos subterrâneos*, que propriamente falando, são a *personificação de fragmentos psicológicos*, em virtude de um mecanismo que precisamos descobrir. Todo o fragmento psicológico tende a ampliar-se à dimensão da personalidade. Assim, por exemplo, nos alienados, as vozes que ouvem são pensamentos que lhes fogem, que se emanciparam do «contrôle» do eu e se tornaram audíveis. Essas vozes, e isso é aqui o essencial, não se contentam com exprimir os pensamentos que as inspiram, mas julgam-se a expressão de uma dada personalidade, de um eu definido. Por isso, o doente é infalivelmente vítima da convicção de que há entidades que falam através dessas vozes e que o perseguem¹⁶.

«Em virtude desta tendência para a personalização, os complexos foram tidos, no passado, como elfos e espíritos subterrâneos»¹⁷.

¹⁶ Poderíamos fazer observações análogas a respeito das visões e alucinações dos alienados. Acrescentemos que esta personificação dos complexos não é necessariamente patológica mas corrente nos nossos sonhos. Pelo treino, os nossos complexos podem-se tornar visíveis e audíveis no estado de vigília. Certas disciplinas do Ioga têm por fim dividir a consciência nas suas componentes e fazer de cada uma delas uma personalidade distinta. O nosso inconsciente tem também as suas figuras típicas e personificadas, como, por exemplo, a *anima* e o *animus*. (Ver a esse respeito: *Le moi et l'inconscient* Prefácio e adaptação do Dr. Roland Cahen. Gallimard, Paris, 1958).

¹⁷ Nota do Tradutor.

Os primitivos, na mesma ordem de ideias, julgam que o meio ambiente é vivo e quase tudo que existe no seu mundo circundante é dotado de palavras. Quando um problema os preocupa, eles vão à tarde à floresta e falam às árvores que lhes prodigalizam respostas. Acontece ainda que, encontrando-se um primitivo na selva, uma árvore se lhe dirige e lhe pede este ou aquele sacrifício, devendo o homem obedecer-lhe. Todos os animais podem igualmente falar e todos são dotados de uma compreensão profundamente humana, o que não deve admirar-nos pois os elementos da alma do primitivo não são coerentes mas encontram-se projectados nas coisas ou nos seres do seu mundo ambiente, e dos quais se fazem eco. Nós também projectamos os nossos dados psíquicos no mundo exterior. O nosso mundo é sempre um mundo animista, embora de modo menos manifesto e menos reconhecível. Mas se nos fosse dado ver a nossa vida actual ou ler os livros da época presente com um recuo de dois mil anos, veríamos, com surpresa, tudo o que a nossa existência comporta de projecções.

Hoje não as vemos; têm a evidência e a naturalidade das coisas que não poderiam existir de modo diferente. É possível, contudo, descobrir-se já certas projecções. Há, por exemplo, pessoas que têm de fazer um esforço quase sobre-humano para conseguirem dar conta de que uma outra pessoa não é nem má nem vulgar — atributos que, gratuitamente em função dos seus próprios maus aspectos projectados, tais pessoas julgam a outra possuidora — mas simplesmente vive segundo uma psicologia diferente da sua. Há sempre quem acredite que o que julga bom é válido para o mundo inteiro. São traços primitivos que estamos muito longe de ter ultrapassado!

Deste modo, os nossos complexos fazem-nos viver num mundo de projecções, as quais, escapando correntemente aos

nostros sentidos, invalidam grandemente o valor objectivo dos testemunhos que aqueles nos dão. O campo de influência dos complexos não se restringe, porém, a esta revelação já perturbante. A autonomia especial destes, a faculdade que têm de tirar energia à consciência e de a utilizarem, de tomar por um instante o lugar dela, de a influenciarem e de a governarem, tudo isto se encontra de modo espantoso num complexo normal, o complexo do eu. Supõe-se em geral que os complexos não são normais, mas na verdade eles são necessidades vitais. O eu, o complexo do eu, é disso um exemplo. O eu é um complexo que dispõe de energia, que é autónomo e se sente livre¹⁸. Penso ter uma vontade livre, fazer o que quero e ir aonde muito bem me parece, coisas estas a que me julgo com inteiro direito. Que é este complexo do eu? É um amontoado de conteúdos imbricados uns nos outros, dotados cada um de um potencial energético e centrado de modo emocional em torno do precioso eu¹⁹.

O eu exerce uma poderosa força de atracção sobre todas as espécies de representações e pode mesmo, só por si, ocupar toda a consciência. Chega-se assim a uma consciência exclusiva de nós mesmos, mesquinha e afadigada que se esgota na preocupação e percepção do comportamento exterior, em que se é possuído pelo próprio eu. Pensai no pregador tímido

¹⁸ Recordemos que «a liberdade não é sinónimo de indeterminismo mas de determinação superior dos actos pessoais pelo Eu»; que o Eu é uma função geral, «uma função de funções» que não pertence a nenhuma função em particular, mas envolve cada uma com o seu coeficiente individual. (segundo BAUDIN, obra citada). (Nota do Tradutor).

¹⁹ Deste modo, o Eu é ao mesmo tempo um complexo e o centro deste. C. Jung, esclareceu-me o seu modo de pensar, citando-me a célebre passagem de Santo Agostinho: «Deus é um círculo infinito, cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte nenhuma». Esta imagem de Deus parece, de facto, fundamentar-se sobre uma projecção da estrutura do Eu, intuitivamente percebida. (Nota do Tradutor).

que tem de subir ao púlpito e preferiria meter-se pelo chão abaixo! Os outros complexos, como já vimos, têm poderes análogos. Existe, porém, uma diferença primordial entre os complexos em geral e o do eu em particular: *o eu é dotado da consciência*. Pode, deste modo, fazer um retorno sobre si, conceber-se a si mesmo, ao passo que os outros complexos parecem não evidenciar nenhuma consciência. É difícil, aliás, para não dizer impossível, precisar se os complexos têm ou não consciência de si próprios. É frequente praticar-se um acto, na persuasão de que é conscientemente realizado, embora tenha sido feito sem se dar por ela; acontece isso mais vezes do que se julga. Surpreende ver o que os indivíduos pensam uns dos outros, no ponto de vista da sua consciência recíproca. Que garantia temos de que, num complexo ordinário, as relações dos conteúdos periféricos com o seu centro, não constituem uma espécie de consciência, não correspondem às relações existentes entre as componentes periféricas do complexo do eu e o seu próprio centro, o eu, relações que são, precisamente, a consciência? Não podemos absolutamente provar nem negar absolutamente a probabilidade de uma consciência inerente aos complexos. Possuem traços de consciência? Nessa hipótese, os gnomos seriam seres imorais, que, com desprezo do interesse geral, e à custa do conjunto, actuariam, como individualistas, por sua própria conta²⁰.

²⁰ A pretensa unidade da consciência, aparece, à luz projectada pela teoria dos complexos, como uma ilusão. É a expressão de um violento desejo humano, que, de facto, não é realizado. Não somos, verdadeiramente, os únicos donos da nossa casa. Gostamos de acreditar na nossa vontade, na soberania das suas decisões e da nossa acção. Na prática, porém, esta é obstruída por esses pequenos demónios dos complexos, que têm tendência para viverem a sua própria vida e à margem das nossas intenções. O nosso inconsciente pessoal, assim como o nosso inconsciente colectivo, constam de um número indefinido de complexos ou personalidades fragmentárias. Esta ideia explica muitas coisas, por exemplo o facto de um poeta ter a faculdade de *dramatizar e de*

Verificámos já existir uma compensação dinâmica entre a consciência e os complexos, o que nos obriga a tratar da questão da *energética psíquica*. Designo a energia psíquica, em toda a sua generalidade, pelo termo de *libido*. A minha hipótese inicial é que (a ser verdade formar a psique um sistema relativamente fechado) ela possui um potencial energético que se mantém quase igual a si mesmo através de todas as manifestações da vida, quer dizer, se a energia suspender uma das suas exteriorizações, reaparecerá numa outra.

Suponhamos que uma pessoa se interessa apaixonadamente por um assunto qualquer e que, um belo dia, lhe desapareceu todo esse interesse; substituído por uma fria e natural indiferença. Ora, a energia num sistema fechado não pode desaparecer dum lugar, sem ir para outro, levando-nos isto a perguntar para onde passou a *libido*, sobre que nova esfera da pessoa ela se projectou, ou em favor de que necessidade superior se aplicou. Não deixaremos de observar na referida pessoa qualquer coisa de insólito, que denota a presença da energia aparentemente absorvida. Em face desta regra, podemos verificar uma espécie de causalidade no seio dos acontecimentos psíquicos, causalidade que não é uma continuidade lógica, mas que apresenta a seguinte evolução:

O sujeito revela hoje grande interesse por isto ou por aquilo; no dia seguinte, esse interesse parece ter desaparecido, enquanto, paralelamente, se notam perturbações abdo-

personificar os seus conteúdos mentais. Pensa que as personagens, que criou para a cena ou num romance, são apenas um produto da sua imaginação, ao passo que esses caracteres se elaboraram nele de um modo misterioso. Certos escritores negam o sentido psicológico das suas personagens. De facto, sabeis tão bem como eu, que elas o têm. Por isso se pode explicar o espírito de um escritor, estudando as suas criações. Segundo os C. d. I.

Outros escritores reconhecem que personagens de afectividade muito caracterizada não são mais do que parte deles mesmos, como Flaubert, ao exclamar: « Madame Bovary, sou eu » (*Nota do Tradutor*).

minais por exemplo, as quais, por sua vez, cessam de repente, e qualquer coisa de novo aparece, digamos uma angústia sem razão. Outrora era impossível marcar uma continuidade lógica e causal a esta sequência de factos, na aparência heterogéneos. Não era possível avaliar o que um estado de angústia pudesse ter que ver com esta ou aquela actividade da imaginação, com este ou aquele interesse, entre os quais se intercalava uma diarreia, dores de cabeça, vertigens, uma paixão repentina, etc. ... Estes encadeamentos heteróclitos, considerados sem medida comum uns com outros, não pareciam poder formar uma cadeia contínua. Hoje sabemos que eles são a expressão de metamorfoses da mesma energia que sofre saltos de nível: ela está presente, em geral, na consciência, mas desaparece por vezes, baixa alguns escalões e provoca acidentes, tais como palpitações cardíacas, dores abdominais, erupções cutâneas, para regressar de novo ao psíquico, muitas vezes sob um aspecto inesperado, por exemplo, o de uma ideia ou um estado emocional obsessivos. Enquanto o pensamento energético foi ignorado pela psicologia²¹, todos estes sucessivos fenómenos pareciam destituídos de denominador comum.

Ignoravam-se as *relações de equivalência* que introduziram uma unidade fundamental e um encadeamento no seio destas manifestações, cuja observação, muito antiga, permanecera sem ser explicada. Eis um exemplo elucidativo do que acabámos de dizer a respeito dessas metamorfoses da energia, e que é particularmente interessante, pelo facto de dois dos mais brilhantes clínicos alemães terem formulado a seu respeito diagnósticos errados.

²¹ Jung introduziu aí a noção de pensamento energético particularmente na sua célebre obra *L'Energétique psychique*. (Tradução de Y. Le Lay, Georg, Genebra, 1956). Publicado no original em 1928 (Rascher, Zurique). (Nota do Tradutor).

Trata-se de uma viúva, com cinquenta e seis anos, que adoeceu subitamente, manifestando estados singulares e desconcertantes, uma espécie de confusão mental e gritos hidrencefálicos. O exame nada revelava, a não ser uma estranha afecção cutânea que tinha aparecido a seguir nas costas, com pequenas nodosidades e que levava a pensar num tumor maligno. Não tendo sido tomada em linha de conta a eventual origem psíquica do caso, não sei por que fui consultado sobre este caso. Contudo, examinando a doente, verifiquei que a erupção cutânea era simétrica dos dois lados das costas. Depois indaguei a história da doença, que indicava o lugar e o dia em que se tinha verificado o primeiro grito hidrencefálico. «Que se havia passado então, perguntei eu à doente, e por que razão tinha aquilo, aparecido de repente?» A doente nada sabia, e não fazia a mínima ideia. Estava antes perfeitamente bem e o caso manifestara-se de repente. Falei com os médicos assistentes que me responderam terem investigado conscienciosamente tudo, e tinham também interrogado os pais e o filho da doente, sem nada de especial descobrirem. Contudo, teimoso como era (e como sou ainda), perguntei de novo à doente: «Pense mais uma vez, era a semana anterior ao Natal, ocasião de festa, em que a família se reúne». A doente continuava a negar resolutamente.

«— Fazia, provavelmente, preparativos para o Natal?

— Não, não fiz.

— Então, porquê?

— Porque meu filho ia deixar-me.

— Porquê?

— Ia casar.

— E tinha de a deixar?

— Sim, muito contra a minha vontade.

— Em que data ?

— Tal dia.

Era esse, precisamente, o dia do primeiro grito hidrencefálico. Eu disse aos médicos: «*Sapienti sat*: é uma histeria», como depois se confirmou. Ao sair, a enfermeira esperou-me e disse-me: «Doutor, estou satisfeita com o seu diagnóstico; pensei sempre que era um caso de histeria». O desaparecimento duma das suas razões de viver fora seguido, na doente, duma acumulação considerável de energia num certo (e inadequado) lugar do seu organismo psíquico, o que causara aqueles gritos hidrencefálicos, cuja razão se não conseguia explicar. A doente, uma viúva, não podia admitir que o seu mal era motivado pelo amor do filho por outra mulher. Qualquer coisa nela falava, revoltando-se: «O meu filho querido abandona-me, e fico viúva pela segunda vez; daí, os seus gritos, não querendo a doente confessar a si própria a verdadeira situação afectiva.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A TEORIA DOS COMPLEXOS¹

FAZ em breve trinta anos que eu, «privat-docent» na Universidade de Zurique, principiava a ensinar psiquiatria. Tinha a meu cargo um curso sobre psiconeuroses e, no meu entusiasmo juvenil, supunha-me quase senhor do assunto.

Nessa altura, era assistente na Clínica psiquiátrica e, estimulado pelo meu mestre, o professor Bleuler, dedicava-me a experiências sobre associações. A lição inaugural da abertura do meu ensino incidiu sobre um facto singular: durante a experiência de associações, o tempo que o sujeito leva a reagir está submetido a oscilações de aparência irracional. Os prolongamentos dos tempos de reacção no decorrer da experiência, prolongamentos súbitos, singulares e inesperados, levaram-me a descobrir, entre 1902 e 1903, o que baptizei com o nome de *complexo afectivo*. O presente estudo visa dar uma vista de conjunto da *teoria dos complexos*, elaborada a partir de então.

Durante os oito anos da minha actividade docente universitária, cheguei à conclusão de que a instrumentação médico-psiquiátrica com que se tentava penetrar na psicologia das neuroses, só nos oferecia dados muito limita-

¹ Lição inaugural pronunciada na Escola Politécnica Federal, a 5 de Maio de 1934.